

O agenciamento das emoções no discurso: uma análise da retórica nos cânticos e nos elogios históricos à Januário da Cunha Barbosa

The representation of emotions: an analysis of the rhetoric in the chants and historical compliments to Januário da Cunha Barbosa

Raphael Silva Fagundes

Doutorando em História

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

raphaelsfagundes@yahoo.com.br

Recebido em: 21/03/2014

Aprovado em: 14/05/2014

RESUMO: Este artigo pretende analisar as técnicas retóricas utilizadas pelos membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro na construção de heróis nacionais que estivessem vinculados ao projeto de nação defendido pela instituição oitocentista. Tendo a figura de Januário da Cunha Barbosa na celebração dos dez anos do Instituto como centro da análise, observaremos como as emoções foram administradas nos discursos para despertarem no público sentimentos afetivos levando ao reconhecimento do *IHGB* como o grande panteão do saber nacional.

PALAVRAS-CHAVE: *IHGB*, Retórica, Januário da Cunha Barbosa

ABSTRACT: This article aims to analyze the rhetorical techniques used by members of the Brazilian Historical and Geographical Institute in building national heroes who were linked to the nation project defended by nineteenth-century institution. Having the figure of Januário da Cunha Barbosa in celebration of ten years of the Institute as the center of analysis, observe how emotions were administered in speeches to arouse affective feelings in the public leading to acknowledgement of *IHGB* as the great pantheon of national knowledge.

KEYWORDS: *IHGB*, Rhetoric, Januário da Cunha Barbosa

Introdução

No mesmo número especial da *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, publicado em 1848, em que o *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* prestava honras ao príncipe dom Afonso, falecido um ano atrás, reverenciava-se, também, dois dos seus fundadores mais ilustres, Januário da Cunha Barbosa e Raymundo Cunha Mattos cujos bustos foram inaugurados na sessão de 6 de abril de 1848. A disposição das homenagens carrega um significado retórico. Primeiro por firmar a identidade dos sócios com a família imperial; segundo por mostrar o lugar hierárquico: um príncipe seguido dos “literatos”, já que as primeiras páginas eram dedicadas ao herdeiro do trono falecido, enquanto que, as que se seguiram, estavam voltadas para os membros

fundadores consagrados. Vale a pena rever o conjunto de homenagens que celebrava os fundadores, em especial o cônego Cunha Barbosa, secretário perpétuo do Instituto desde sua fundação.¹ O coração patriótico de Januário – figura que desempenhou papel de primeira grandeza no processo da Independência e na consolidação do Instituto – foi alvo de cânticos e poemas emocionados dos confrades do IHGB.

A fundação do Instituto, em 1838, segundo a professora Lucia Maria Paschoal Guimarães, está relacionada à disputa política entre a “facção áulica”, liderada pelo ministro Aureliano de Sousa Coutinho e o avanço do “regresso” encabeçado por Bernardo Pereira de Vasconcellos. Buscava-se um espaço aparentemente neutro para a volta dos áulicos ao poder.² Além disso, a associação de letrados estava envolvida em um projeto importante para a consolidação do Estado imperial centralizado na monarquia. Arno Wehling demonstra a importância do Instituto no processo de forjamento da unidade nacional por meio do “cultivo sistemático da memória nacional”.³ Para criar uma ideia de nação coesa, a elite cultural associada ao grêmio carioca, administra o passado, como destacou Manoel Salgado Guimarães, e fez deste espaço um reduto onde os debates sobre a construção da identidade nacional tornam-se legítimos.⁴

Iremos nos ater a uma dimensão específica da retórica articulada neste projeto político: o agenciamento das emoções no discurso. Esta dimensão da eloquência não se encontra na atividade retórica desde o seu surgimento. O primeiro tratado metódico na área foi a *Teoria Retórica*, escrito por Coráx e Tísia por volta de 465 a.C., e tinha o intuito de “fornecer a seus concidadãos os meios de defesa de seus direitos, no momento histórico da passagem da tirania para a democracia grega”.⁵ No entanto, era uma retórica do verossímil, científica, do tipo caracteristicamente probatório, de procura de provas. Foi Górgias quem abordou pela primeira vez a persuasão por meio da psicologia, do irracional, apreendendo a *psychagogia* como base da eloquência.

A emoção passa a ser um dos principais elementos para tornar um discurso suasório. Aristóteles, por exemplo, é enfático ao dizer que “obtem-se a persuasão nos ouvintes, quando o

¹ Barbosa desempenhou um papel mais importante na consolidação da associação devido ao fato de o Marechal Cunha Mattos ter falecido logo após o ato de instituir o Instituto em 1838.

² Cf. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. *Debaixo da imediata proteção imperial*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889). 2 ed. São Paulo: Annablume, 2011, p. 43.

³ WEHLING, Arno. *Estado, história, memória*. Varnhagen e a construção da identidade nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, pp. 33-34.

⁴ Cf. GUIMARÃES, Manoel Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: José Murilo de Carvalho. (org.). *Nação e cidadania no império*: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 103.

⁵ FONSECA, Ísis Borges. A retórica na Grécia Antiga. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. 3 ed. São Paulo: Humanitas, 2004, p. 102.

discurso os leva a sentir uma paixão”.⁶ É o emocional o principal elemento que leva as pessoas a se inclinarem a uma tese. “Tanto é certo que o espírito e alma da Eloquência consiste propriamente nos afetos”,⁷ nos mostra Quintiliano.

Patrick Charaudeau, em artigo muito citado pelos que se propuseram a analisar o discurso, acrescenta às etapas da atividade retórica⁸ uma tópica ligada à emoção, a *patemia*. Esta que, por sua vez, será composta por um conjunto de figuras, manifesta-se, em meio às palavras de forma intencional, já que não é qualquer elemento emotivo que poderá ser usado pelo orador. É a situação comunicativa, perpassada por aspectos da interação social e das representações psicossociais, que propiciará o uso adequado de cada termo emocional, desencadeando um efeito patêmico.⁹ O manejo e a mobilização desse arcabouço passional para se atingir um fim persuasivo é chamado por Charaudeau de *patemização*, alusão direta ao nível das provas retóricas que retêm as emoções do auditório: o *patos*.¹⁰

O que está em jogo não é mais a lógica, mas o despertar da vontade; não estamos mais no nível racional do processo persuasivo, e sim no emocional. O discurso envolve o ouvinte a ponto de fazê-lo aderir ao seu conteúdo voluntariamente. O orador deve mostrar-se emocionado, deve mostrar objetos que emocionam e, mesmo que os objetos sejam indiferentes a todos, é preciso torná-los emocionantes.¹¹

Na relação retórica que envolve o falante e o ouvinte, observa-se uma relação direta entre o etos e o patos. O orador deve apresentar-se por meio de um caráter complacente e, ao mesmo tempo, se adaptar ao estado psicológico do público.¹² Assim, deve fazer emanar um mundo capaz de gerar uma identidade que será compartilhada com os ouvintes. Os elementos que estão ao redor dos enunciados – o que chamamos de enunciação – apoderam-se dos materiais oferecidos pelo mundo e, por hábil estratégia, produzem uma representação, um mundo artificial conectado às aspirações dos ouvintes. Isto possibilita que a retórica se torne um “espaço onde a identidade se torna diferença e a diferença identidade, sempre num jogo sutil de aproximações e de

⁶ ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d, p. 35.

⁷ QUINTILIANO, M. Fabio. *Instituições oratórias*. Trad: Jeronymo Soares Barbosa. Tomo Primeiro, Coimbra: Imprensa Real da Universidade, 1788, p. 440.

⁸ São cinco as etapas tradicionais do sistema retórico desde Aristóteles: inventio, dispositio, elocutio, memória e actio.

⁹ CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida Lucia e MENDES, Emília. (orgs.). *As emoções no discurso*. Vol. 2. Trad: Emília Mendes. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 26.

¹⁰ Segundo Aristóteles, existem três provas retóricas: o etos, a imagem que o orador cria de si; o patos, que consiste na disposição dos ouvintes; e, por fim, o logos, que é como o discurso de demonstra. ARISTÓTELES. *Arte retórica e poética*, p. 34.

¹¹ PLANTIN, Christian. *Pathos*. Trad. Roselene de Fátima Coito. In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Trad: Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004, p. 372.

¹² REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 49.

afastamentos, de comunhão e de exclusão”.¹³ Na construção da identidade, o sedutor (o sujeito de enunciação) visa diminuir a distância e age como se esta já houvesse sido abolida ou não tivesse mais importância. Tendo em vista esta questão, os discursos prolatados nas celebrações do IHGB, mobilizavam as emoções visando à unidade de todos em um único corpo político-imaginário, a nação.

A gestão das emoções

O “elogio histórico geral dos membros falecidos” feito pelo orador Manoel de Araújo Porto-Alegre é enfático. São palavras vibrantes que transbordam emoções por todos os lados: “A voz do vosso orador, semelhante à do hino da catedral, se rola sobre vossas cabeças os sons festivos de um dia triunfal, também vos anuncia as horas de agonia e de pranto!”.¹⁴ A estratégia argumentativa nessa passagem retrata uma questão de uso corrente na oratória dos membros da associação carioca: estabelece-se uma semelhança entre o orador e o hino da catedral, na qual suas palavras serão tão verdadeiras quanto às verdades do cristianismo proferidas pela Igreja. Isto é, valores e crenças são usados nos discursos como reforço de argumento. Principalmente as verdades do cristianismo. Através de Porto-Alegre os sócios falecidos são elevados ao pináculo dos heróis de virtudes sagradas:

A lousa, cobrindo o que há de caduco no sábio e no herói, não destrói os vínculos sagrados de um ser que bem mereceu de seus semelhantes, e que nutriu com as suas ideias, com as suas ações, aquele facho imortal, que Deus dera ao primeiro homem para com ele atravessar as idades, e robora-lo [sic] de geração em geração até o dia terrível em que há de soar no alto dos céus a trombeta das exéquias da humanidade.¹⁵

A dor penetrava os corações de todos quando um dos membros do Instituto falecia, pois a nação acabava de perder parte de sua pujança e estímulo. A importância de tais indivíduos era incontestável, já que eles irão difundir “instrução geral pela publicação dos vossos estudos; desta arte contribuireis para o desenvolvimento e perfeição da história e da geografia, e para o crédito e glória da pátria”,¹⁶ declara o visconde de S. Leopoldo, presidente do grêmio letrado, em 1839.

Todo aquele preito que ali se fazia se alimentava da imagem heroica daqueles que defendiam os princípios políticos da associação, por isso as homenagens são direcionadas àqueles

¹³ MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad: António Hall. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 136.

¹⁴ PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Elogio histórico geral dos membros falecidos. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 150-185, 1891. p. 150. Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dezembro de 2011.

¹⁵ PORTO-ALEGRE, *Elogio histórico geral dos membros falecidos*, p. 150.

¹⁶ SÃO LEOPOLDO, Visconde de. Discurso de abertura. *RIHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed, Tomo I, Imprensa Nacional, 1908, p. 212. (1839). Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1839t0001c.pdf>. Acesso em: 10 de mar. de 2011.

“heróis que nos legaram as delícias da liberdade, unidas a convicção das ideias monárquicas e de sua vital utilidade”.¹⁷ O objetivo era criar heróis para a jovem nação, heróis estes que estariam vinculados ao projeto de nação defendido pelos eruditos do Instituto. Porto-Alegre deixa claro que estava falando de Cunha Barbosa:

À frente dessas grandes realidades, dessas sombras venerandas, se levanta em primeiro lugar, para o Instituto, a imagem respeitável do cônego Januário da Cunha Barbosa, 1º Secretário Perpétuo e fundador desta ilustre sociedade.¹⁸

Embora, as biografias não sejam o foco desta pesquisa, é preciso destacar que, ao lado da História, elas exerciam expressiva influência no processo de consolidação dos sentimentos nacionais. Segundo Márcia de Almeida Gonçalves, no “movimento de conhecer e caracterizar via o local, individual, nacional, o biográfico passava a ter lugar cujo fundo era a história”.¹⁹ As vidas retratadas nas páginas da *R.IHGB* eram de interesse nacional, úteis para despertar grandes sentimentos cívicos: “o romance, a história, a biografia poderiam guardar traços de uma comunhão como formas de conhecer e sensibilizar expectadores, leitores, autores”.²⁰

A emoção retórica aparece quando, através do discurso, evidencia-se a contribuição de personalidades na marcha da nação rumo ao progresso, sensibilizando os que ouvem e revigorando a ideia de que o Instituto era peça chave nesse processo. Todos compartilhavam do mesmo objetivo, qual seja o de fixar as raízes da identidade nacional, e Januário da Cunha Barbosa cooperou para tal. Neste sentido, esses discursos mostram o que os brasileiros deviam ao cônego, que, em diversos pronunciamentos, é mencionado como um dos grandes *pivores* da Independência e um primoroso homem das letras da pátria, como ele próprio se autoproclamava perante D. Pedro II:

Senhor! 60 anos de vida, quase todos gastos no serviço da Igreja e do Estado, na instrução da mocidade, na mais pronta proclamação da Independência do Brasil, e não pouca vez injustamente amargurados dão-me todo o direito para dizer perante o Trono de V. M. I., que eu me ufano de haver erguido com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um monumento glorioso e perdurável do meu nunca desmentido patriotismo.²¹

No entanto, como é evidente neste fragmento, ao homenagearem os falecidos, no fundo os sócios estavam fazendo honras a si próprios perante toda a nação, transformando-os em heróis.

¹⁷ SÃO LEOPOLDO, *Discurso de abertura*, p. 151.

¹⁸ PORTO-ALEGRE, *Elogio histórico geral dos membros falecidos*, p. 151.

¹⁹ GONÇALVES, Márcia de Almeida. História de gênios e heróis: indivíduo e nação no Romantismo brasileiro. In: GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (orgs.) *O Brasil imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 437.

²⁰ _____. *História de gênios e heróis*, p. 438.

²¹ BARBOSA, Januário da Cunha. Relatório do secretário perpétuo. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 3 ed. Tomo II, Imprensa Nacional, 1916, p. 603. (1840). Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1840t0002c.pdf>. Acesso em: 10 de mar. de 2011.

O canto inaugural escrito por Joaquim Norberto, poeta e instigador do movimento indianista, em memória a Januário da Cunha Barbosa, exalta os feitos do cônego em quatro partes. Na primeira, “A Inauguração”, mostra que antes de Januário havia um “Povo sem tradições” e sem “descendentes”. Todo o passado estava em uma “ilusão da fantasia”, “Deixando tudo em perenal olvido”. Porém, com Januário e seu árduo labor, esse quadro muda:

Mas parabéns, ó pátria! Aponta a aurora
De um dia indigente, glorioso e belo,
Qu’ hade a treva espancar da longa noite,
E o sol brilhando irá mostrando aos povos
Outro povo de estátuas venerandas
No pantheon que a pátria aos filhos deve.

Na segunda parte, intitulada “Elle”, são exaltadas as ações sublimes do cônego:

E’ elle! – N’aquele peito
Palpita-lhe o coração,
O coração sempre afeito
A pia e elevada ação.

As emocionantes palavras de Norberto tentavam demonstrar que Januário ali estava, em forma de monumento, entre os sócios:

Eu o vi tão sereno como agora,
Com essa graça de seu brando rosto,
Resignado e firme caminhando
A’ frente da brasílica mocidade...

Além disso, na mesma estrofe, é dito que o influente religioso “Ditou lições da profícua ciência”. E mais! Revela a grande habilidade que possuía no trato com as palavras, elemento fundamental para destacar a sapiência de um indivíduo no século XIX:

Mal aceita dos homens, e no púlpito,
A eloquência divina trovejando,
Levou a convicção a ímpias turbas,
Doutrinando-as com máximas sagradas.

De fato, a eloquência do primeiro secretário perpétuo era sobejamente reconhecida. Na prática, levou diversos “literatos” a construir relatos da nação que pretendiam tirar das trevas os nossos antepassados.

A nação deve muito aos trabalhos desenvolvidos pelo sócio-fundador, segundo Norberto, na terceira parte do cântico denominada “Apoteose”:

Ó Januário, tu honraste a pátria,
E hoje a pátria te honra desvelada;
Hoje te vota um busto, hoje te exalta
A par do capitão laborioso,
Companheiro no feito ilustre e grande.

A história, que do tempo agora zomba,
Monumentos de glória registrando,
Nas páginas brilhantes que lhe deste,
O teu nome fará nelas perene.²²

Por sua vez, o monarca, chefe da empresa vangloriada pelos sócios do *IHGB*, seria também lembrado. A última parte do canto inaugural é dedicada “A S. M. O Imperador”. Norberto compara a obra de Januário ao esplendor concedido à D. Pedro II e à pátria, revelando que muitos dos escritos do falecido buscavam enaltecer o Império. A imagem protetora de Sua Majestade Imperial, sempre presente, reforçava a grande missão, confiada ao *IHGB* e a seus sócios, de promover o progresso das letras.

O jovem poeta romântico, Antônio Gonçalves Dias, também marcou presença na cerimônia com um cântico à Cunha Barbosa. Dias, segundo seus biógrafos, preocupava-se em criar um etos de patriota, dizia-se “descendente das três raças que formaram a etnia brasileira”.²³ Estava relacionado ao movimento indianista e dedicava muitos de seus poemas, como fazia Januário com suas obras, a S. M. Imperial. Também se achava envolvido, ao lado de Norberto, na missão de construir um teatro nacional com empresários e artistas brasileiros que encenariam peças voltadas para temas patrióticos.²⁴

Dias começa destacando a habilidade performativa a qual Januário demonstrava em seus discursos:

Onde essa voz ardente e sonora,
Essa voz que escutamos tantas vezes,
Polida como a lâmina d’um gládio,
Essa voz onde está?²⁵

Como sabemos, a eloquência era uma das marcas de erudição no século XIX. Para alguns autores, no Brasil firmou-se como uma característica de reconhecimento da inteligência nacional. É o que afirma Sérgio Buarque de Holanda, ao descrever que é comum encontrar no brasileiro, até os nossos dias, o “amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara. É que para bem corresponder ao papel que, mesmo sem o saber, lhe

²² SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. Januário da Cunha Barbosa: Canto Inaugural. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, pp. 266-275, 1891, p. 267-273. (1848) Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

²³ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 44 ed. São Paulo: Cutrix, 2006, p. 104.

²⁴ SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*. Campinas: Unicamp, 2002, p. 37.

²⁵ DIAS, Antônio Gonçalves. Canto Inaugural à memória do cônego Januário da Cunha Barbosa. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 285-287, 1891, p. 285. (1848) Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

conferimos, a inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e de ação”.²⁶

Essa noção de inteligência marcada pelo “bem dizer”, pelas frases com adornos e pelas palavras rebuscadas, era bastante firme já que nos oitocentos tinha-se a oratória como espetáculo público.²⁷ Por isso, elogiar a eloquência do falecido significava enaltecer suas virtudes intelectuais. Desde muito, era reconhecido o dom eloquente de Januário. Da época em que era pregador da Capela Real à de editor do jornal *Revérbero Constitucional Fluminense*, onde se dedicava à propagação de ideais liberais, passando pelo cargo de orador oficial durante as cerimônias maçônicas que reuniam ilustres figuras da década de 1830, como Evaristo da Veiga e outros.²⁸ Januário, no *IHGB*, por fim, apesar de não ter sido o orador oficial da instituição, sempre deixava o Imperador a par dos feitos anuais dos colaboradores da “ilustre sociedade” em seus relatórios lidos em ocasiões comemorativas. Uma história da eloquência brasileira do século XIX não poderia deixar de fora uma figura tão emblemática como a do cônego Januário da Cunha Barbosa.

É preciso destacar que “o simples fato de um texto pertencer a um gênero do discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de etos”.²⁹ Esses dois elementos são apreendidos nos pronunciamentos que acabamos de observar. A maneira romanesca e poética de lidar com um assunto, já lhe concede uma grade dimensão retórica, aumentando o brilho das ideias as quais os discursos são portadores. A representação de todos os componentes daquela situação de enunciação estava sendo forjada: os oradores enquanto homenageavam Januário como ícone de patriotismo, ao mesmo tempo e na mesma proporção, acabavam por se tornar também verdadeiros patriotas. E por que não despertar nos ouvintes a ideia de que o Instituto estava imbuído em uma missão patriótica? Por que não tentar, além disso, inculcar nesses ouvintes a ideia de que ao aderirem a tal causa não seriam eles também heróis como o cônego? Assim eles o fizeram.

No âmbito dessa realidade discursiva estabeleceu-se uma *cenografia* na qual o locutor adquire uma “corporalidade”, um “caráter” físico e psicológico baseado em um determinado mundo de representações que ilumina a cena. O destinatário, por sua vez, também envolvido, participa da troca comunicativa através da “incorporação” do caráter apresentado pelo locutor.

²⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p. 83.

²⁷ SOUZA, Roberto Acízelo de. *O império da eloquência*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUFF, 1999, p. 91.

²⁸ MOREL, Marco e SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. *O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 138.

²⁹ MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth. (org.). *Imagens de si no discurso*. Trad: Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 71.

Estabelece-se, assim, um imaginário nascido da relação corporalidade/incorporação, denominada por Dominique Maingueneau de *corpo*.³⁰

A forma gloriosa de se falar sobre uma personagem que tanto fez pela nação revela que o enunciador é um patriota, mesmo sem dizer diretamente o que ele de fato é. E mais! Como nas linhas supracitadas, o discurso apresenta a ideia de nação através de um modo de dizer que remete a uma *maneira de ser*, ou seja, é o comportamento de um grande patriota que estava em destaque. No fundo, tais discursos, por meio das diversas formas que tomavam (cânticos, poemas, odes, etc.) estimulavam o amor à nação, levando os ouvintes a fazerem algo por ela, tal como Januário o fez.

Soma-se a isto o fato de a homenagem feita a Januário ser realizada em uma data emblemática, a comemoração dos dez anos do Instituto. Festejar a primeira década de sua existência por meio de uma figura que tanto fez pela História nacional poderia ser útil, já que falar de Januário também seria falar do Instituto e dos membros, através de um símbolo a ser seguido.

O poema de Gonçalves Dias, sob tais condições, não poderia deixar de falar da luta do homenageado na tentativa de suspender o estandarte da civilização sobre a terra de Santa Cruz. Depois aproxima os escritos de Cunha Barbosa às obras de Homero, referência da Antiguidade Clássica:

Inveja!... mas às formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; - e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróis famosos
Prasenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!
Dorme agora no gélido sudário;
Foi duro o afã, aspérrima e contenda,
Será fundo o descanso.³¹

Por outro lado, os elogios procuravam enquadrar a história de vida do cônego à trajetória da própria nação. Cândido José de Araújo Vianna, presidente da associação e o primeiro a falar nesse dia solene (a essa altura o visconde de São Leopoldo já havia falecido) assinala que o nome de Cunha Barbosa “andarà sempre a par da recordação dos que promoveram a independência do

³⁰ MAINGUENEAU, Dominique. Problemas do Ethos. In: *Cenas da enunciação*. Organização de Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008, p. 69.

³¹ DIAS, Antônio Gonçalves. Canto Inaugural à memória do cônego Januário da Cunha Barbosa. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, pp. 285-287, 1891, p. 286. (1848) Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

Brasil”³², associando este “ilustre Brasileiro” ao acontecimento de maior importância da História do país. Já o médico Dr. J. F. Sigaud, sócio do *IHGB*, afirmava que “o cônego Januário da Cunha Barbosa foi o espelho em que se refletiam as fases de seu país”.³³

A nação emancipada foi usada pelos oradores como uma substância metafísica articulada para agir sobre as paixões dos ouvintes. Sigaud destaca que Januário, ao lado de “um colega e amigo em seus estudos, Joaquim Gonçalves Ledo”, “encaminhou os brasileiros à independência, fortificou-lhes a opinião contra os disfarçados acontecimentos das cortes de Lisboa”.³⁴ Em relação aos acontecimentos, Sigaud refere-se à Revolução do Porto de 1820, que pôs em risco a posição do Brasil, com a exigência do retorno de D. João VI a Portugal. Os interesses desse lado do Atlântico, à luz destes fatos, poderiam ser afetados e o Brasil retrograderia a condição de simples colônia. Mas Januário e seu companheiro Gonçalves Ledo, foram um dos grandes agentes que impediram esse retrocesso segundo o discurso de Sigaud. Enfim, ao narrar a vida do cônego tentava-se mostrar a ação deste na emancipação.

Como se vê, Cunha Barbosa é submetido a duas chaves de leitura: como o homem da independência e como um grande erudito dedicado as letras da pátria. Deste modo, é possível apreender como era criado o perfil multifacetado destes indivíduos; grandes figuras que agiam na política e que, ao mesmo tempo, seriam, também, grandes homens que se dedicam as letras. Enfim, era o que se chamava na época de *publicistas*.³⁵

O segundo secretário do Instituto, Francisco de Paula Menezes, em seu elogio ao cônego, aponta a importância de pessoas que instigaram o “pensamento civilizador [...] marcando as escalas do progresso”.³⁶ Naquela célebre ocasião – vale lembrar que é a situação/circunstância que caracteriza o discurso – Menezes afirma: “viemos colocar em alto pedestal, [...] a memória de uma de nossas maiores ilustrações literária”. Em seguida mostra que celebrar essas figuras ilustres é uma “profícua lição de elevada moralidade, que com justiça nos deve colocar entre os povos os

³² VIANNA, Cândido José de Araújo. Discurso do presidente. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 87-89, 1891, p. 88. (1848) Disponível em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

³³ SIGAUD, J. F. Elogio Histórico do secretário perpétuo cônego Januário da Cunha Barbosa. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 185-195, 1891, p. 186. (1848) Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

³⁴ _____. *Elogio Histórico do secretário perpétuo cônego Januário da Cunha Barbosa*, p. 187.

³⁵ Segundo Maurice Block o publicista é um personagem do século XIX e é definido como um escritor que não necessariamente é um historiador ou um filósofo, mas que mistura a filosofia, a literatura e a história. Esse publicista assemelha-se ao estadista principalmente no “savoir-faire pratique” que deve dedicar a sua carreira. BLOCK, Maurice. *Publiciste*. In: *Dictionnaire général de la politique*. Tome Second. Paris: O. Lorenz, Libraire-Éditeur, 1864, pp. 721-722. Captado em http://books.google.fr/books?id=w5YBAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 07 de fev. de 2012.

³⁶ MENEZES, Francisco de Paula. Elogio Histórico do cônego Januário da Cunha Barbosa. *R.IHGB*, Rio de Janeiro, 2 ed, Tomo 11, Imprensa Nacional, p. 240-259, 1891, p. 240. (1848) Captado em <http://www.IHGB.org.br/rIHGB/rIHGB1848t0011c.pdf>. Acesso em: 05 de dez. de 2011.

mais civilizados”.³⁷ Como uma das intenções dos eruditos daquela época era enquadrar o Brasil no rol das nações civilizadas, essas afirmações eram adequadas às aspirações dos alocutários.

Menezes relaciona também Januário com a pátria, porém, em seu caso, não narra a vida do cônego. Procura criar uma imagem exaltante e gloriosa através de um vocabulário romântico e fabuloso. Um depoimento que revela o gênio do grande patriota. Talvez a passagem que mais possa descrever o que estamos querendo dizer seja a seguinte:

Quando se nasce, Senhores, em uma época cheia de vida e de força, como nos grandiosos dias de um Racine e de um Molière, de um Boileau e de um Voltaire a grandeza dos fenômenos de uma vida célebre é explicitada pelas sublimidades que lhe serviram de berço, como pelas cataratas imensas, que rolam majestosas suas águas pelas alcantiladas rochas, se adivinha a grandeza dos rios a que vão dar nascença. Nestes casos o desenvolvimento do talento não pode maravilhar-nos; sua marcha é arrebatada e rápida como a dos gênios, que se divisa nas altas sumidades: porém quando procede-se de país cuja glória foram suas virtudes, cujo renome sua probidade; quando por berço se há tido uma oprimida colônia, a quem as limitadas vistas de uma endurecida metrópole tratavam de envolver eternamente nas trevas da mais estúpida escravidão; então o crescimento intelectual é um esforço extraordinário, a grandeza do gênio, fenômeno espantoso, e as riquezas do talento, tesouros de incalculável valor! Por isso com justiça admirareis, Senhores, a espantosa concatenação de fatos grandiosos que esmaltaram a vida inteira do ilustrado cônego J. da C. Barbosa, desde a sua aurora até o instante em que o frio sopro da morte apagou a luz da vida e fechou as portas ao tabernáculo do gênio.³⁸

Januário situa-se num pedestal que se ergue para além do brilho de figuras do nível de Molière e Voltaire. Entretanto não foi o brilho de uma época que possibilitou o espírito talentoso de Januário, mas sua própria capacidade individual; ainda que em meio aos dias turvos da colônia e não em um “país cuja glória foram suas virtudes”. Não podemos esquecer que Januário é um dos homens do “Fico”! A luta contra uma “endurecida metrópole”, que empurrava a nação para uma “estúpida escravidão”, é apresentada de tal forma que permite apreender uma sincronia entre a figura de Januário e o processo de emancipação, pois assim como a nação se libertou do domínio português, Barbosa, mesmo submetido às trevas dos tempos coloniais, foi dotado de um “crescimento intelectual” que o levou a se tornar o homem ilustre que fora.

Na passagem transcrita, observa-se que Paula Menezes fez uso constante de figuras de retórica. Estas não servem apenas para dar cor e beleza às palavras, mas, também, para transformá-las em argumentos, pois é a forma de descrever os acontecimentos que os torna presentes à nossa consciência, ganhando força de evidência.³⁹

³⁷ MENEZES, *Elogio Histórico do cônego Januário da Cunha Barbosa*, p. 241.

³⁸ _____. *Elogio Histórico do cônego Januário da Cunha Barbosa*, p. 242.

³⁹ PERELMAN, Chaïm e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 190.

De qualquer modo, Perelman e Olbrechts-Tyteca indicam que as figuras argumentativas têm a função de provocar a adesão do ouvinte, para isso é preciso que este identifique na forma, o conteúdo real. Não sendo apenas estilos, as figuras podem dar “movimento ao pensamento, [...] simular paixões [...] criar uma situação dramática que não existe”.⁴⁰ Além disso, estão destinadas a “lembrar” ou a suscitar o sentimento comunitário, o acordo dos corações e dos espíritos.

As figuras são recursos tropológicos, entendendo tropos como “uma mudança mediante a qual transportamos uma palavra ou uma locução da sua significação própria para outra para lhe dar mais força”.⁴¹ Também serve para “ornamentar ou suavizar o nosso pensamento através de um discurso mais aceitável, mais convincente ou mais agradável”.⁴²

José Murilo de Carvalho assinala que os eruditos brasileiros herdaram um estilo ornamentado e rebuscado da retórica barroca lecionada no período colonial. Havia três níveis que constituíam uma estrutura retórica baseada em Cícero: o *docere* (instruir, ensinar), que é tornar o discurso claro, compreensível, didático; o *delectare* (agradar), que consiste no lado agradável do discurso; e o *movere* (comover), que é o que abala o auditório, faz este agir e se comportar de uma determinada forma, seria a persuasão propriamente dita. Segundo Carvalho, “o barroco português enfatizava o ‘delectare’”.⁴³ Apesar das grandes tentativas de reformulação no ensino de retórica promovidas por Luis Antônio Verney, ao lado da política reformista do Marquês de Pombal, esse estilo retórico atravessou o século XIX nos manuais didáticos, se estendendo até o século XX na literatura e em outros setores letrados. Fernando de Azevedo, um dos nomes envolvidos com a renovação do ensino no Brasil na primeira metade do século passado, afirma que do ensino jesuítico “provieram não somente o interesse pela vernaculidade e o pendor para dar a tudo expressão literária, como também o amor à forma pela forma, o requinte e o rebuscamento...”⁴⁴

Mas, neste caso, o “rebuscamento” tem a intenção de dar presença à matéria do discurso de forma sensível, como podemos ver: “como pelas cataratas imensas, que rolam majestosas suas águas pelas alcantiladas rochas, se adivinha a grandeza dos rios a que vão dar nascer”. Aqui o orador refere-se ao que foi dito antes, que as condições de uma determinada época, possibilitam nascer o gênio, da mesma forma que das “catarratas imensas”, advém a origem da “grandeza dos rios”. O gênio de Januário foi além, superando a própria natureza. O que aparentemente é mero

⁴⁰ PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, *Tratado de Argumentação*, p. 191.

⁴¹ MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Trad: Antônio Hall. Lisboa: Edições 70, 2007, p. 105.

⁴² _____. *Questões de retórica*.

⁴³ CARVALHO, José Murilo de. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, pp. 123-152, 2000, p. 132.

⁴⁴ Apud SOUZA, *O império da eloquência*, p. 24.

ornamento deixa de sê-lo quando analisado a fundo. Estas figuras não podem ser vistas como adereços, mas como instrumentos destinados a desencadear a emoção nos envolvidos na cena comunicativa.⁴⁵ A construção de uma imagem suntuosa da natureza no discurso, já desperta um prazer de contemplação perante algo belo. Às vezes, certas palavras já enunciam uma certa sensação emotiva, por isso são inevitáveis em discursos que pretendem ativar a emoção do auditório. O embelezamento do discurso não foi apenas uma questão de rebuscamento, mas uma maneira de dar forma, ilustrar, um determinado conteúdo. Chegamos aqui a uma outra técnica argumentativa.

Dois pesquisadores brasileiros que tratam sobre as emoções nos discursos podem nos dar suporte nesta questão. A enunciação, para Hugo Mari e Paulo Henrique A. Mendes, permite situar o enunciado no espaço e no tempo, se entendermos que as condições enunciativas engendram “a existência do enunciado em função de circunstâncias históricas (espaço-temporais) únicas/irrepetíveis”.⁴⁶ Além disso, a enunciação é “uma condição (aparelho formal), um processamento (acontecimento/ato) e um efeito (interpretação) de sua existência” que dá forma ao enunciado.⁴⁷ Este último, em nosso caso, seria a ideia de que o *IHGB* estava à frente das instituições capazes de promover o progresso da nação. A enunciação que dá forma a essa premissa, estava carregada de estilos que se aproveitavam da riqueza lexical do nosso idioma, fazendo brotar a emoção de forma elegante e expressiva. No texto em questão, podemos até mesmo entender que, após a Independência, após a libertação das “trevas” e da “estúpida escravidão”, os gênios brotariam mais facilmente ao lado da beleza natural exuberante da pátria. As belas palavras e citações exuberantes não são a exibição de uma “verbiagem oca” ou de uma “erudição inútil”, como afirmava Manoel Bomfim⁴⁸, mas uma técnica persuasiva que trabalha o emocional e busca a persuasão.

Como bem lembrou Quentin Skinner o ornamento na retórica vem do termo *ornatus* “que se costuma usar para descrever as armas e equipamentos de guerra”.

O que os retóricos afirmam é que os “ornamentos” característicos do Estilo Grandioso *não* são meros adornos ou embelezamento; são as armas que o orador deve aprender a manejar para ter alguma perspectiva de sair vitorioso na guerra das palavras e, desse modo, conquistar a vitória para o seu lado da questão.⁴⁹

⁴⁵ PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MACHADO, Ida Lucia ; MENDES, Emília. (Org). *As emoções no discurso*. Tradução de Emília Mendes. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 65.V.2.

⁴⁶ MARI, Hugo e MENDES, Paulo Henrique A. Enunciação e emoção. In: MACHADO, Ida Lucia e MENDES, Emília. (orgs.). *As emoções no discurso*. Vol. 2. Trad: Emília Mendes. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 156.

⁴⁷ _____. *Enunciação e emoção*.

⁴⁸ Cf. BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, pp. 170-171.

⁴⁹ SKINNER, Quentin. *Razão e retórica na filosofia de Hobbes*. Trad. de Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 1999, p. 70.

E assim afirma Quintiliano: “A argumentação por outra parte é de sua natureza suspeita, e por isso necessita de ornatos, que a disfarçam”,⁵⁰ o que faz dos adornos e frases de efeito uma estratégia indispensável na eloquência e não mero engodo.

Sendo assim, nossas observações estão consoantes com os estudos de Temístocles Cezar. Segundo o autor, a “eloquência, é uma arma, é um meio de intervenção decisivo tanto na vida política do império brasileiro, como na construção de uma noção de história no *IHGB*”. A retórica da história é útil, “acima de qualquer outra coisa, à nação”.⁵¹ Até então, era do reduto oitocentista que emanavam as principais interpretações da história pátria, consubstanciadas por uma *retórica da nacionalidade* que buscava tanto conter e resistir à possível dispersão de um discurso, que se pretendia unívoco, quanto procurava, por meio de seus associados, constituir-se como campo de saber, voltado para explicar a existência de uma nação ao longo do tempo formada por “brasileiros”.⁵²

Em paralelo a estes aspectos ressaltados por Cezar, entendemos que cerimônias como esta mostram o investimento de determinadas elites culturais em verdadeiras peças de retórica para a consolidação de um projeto de nação. Um investimento imprescindível a nosso ver. As emoções, um dos principais elementos da técnica retórica, foram articuladas em prol da construção de mitos úteis para a unidade nacional. Sem tais questões, que comoviam ouvintes e leitores, despertando sentimentos em comum, a própria função do Instituto no circuito político do Império estaria condenada ao fracasso.

⁵⁰ QUINTILIANO, *Instituições Oratórias*, p. 332.

⁵¹ CEZAR, Temístocles. Lição sobre a escrita da história, historiografia e nação no Brasil do século XIX. *Diálogos*, DHI/UEM, v. 8, n. 1, p. 11-28, 2004, p. 27.

⁵² CEZAR, Temístocles. A retórica da nacionalidade de Varnhagen e o mundo antigo: o caso das origens dos Tupis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (org.). *Estudos sobre escrita da história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 29.